



Depois que Bolsonaro minimizou um dos principais problemas do país, afirmando durante entrevista que “não existe da forma como é falado”, candidatos ao Palácio do Planalto expõem planos para o enfrentamento

# Fome vira tema central entre os presidenciais

» SANDY MENDES

A fome tornou-se o tema central das campanhas ao Palácio do Planalto, depois que Jair Bolsonaro (PL) negou, em uma entrevista concedida na última sexta-feira, que a questão no Brasil seja de extrema gravidade. A afirmação do presidente, alvo de críticas entre os candidatos ao comando do país, permitiu que cada um expusesse como pretende enfrentar o problema.

Em São Paulo, Simone Tebet (MDB) assegurou que nenhuma criança dormirá com fome a partir de 1º de janeiro, caso chegue à Presidência da República.

“Na nossa administração, nenhuma criança a partir de janeiro do ano que vem vai dormir com fome no Brasil, se nós formos eleitos. Pode faltar dinheiro para tudo, mas não para alimentar as nossas crianças e adolescentes”, afirmou.

Para Simone, a primeira medida no sentido de erradicar a fome no país é derrotar Bolsonaro nas urnas, em outubro. “Temos que tirar o atual presidente do poder, um homem insensível, que teve a capacidade de dizer que no Brasil não tem fome pra valer. Eu aconselho ao presidente pegar seu avião, ir a Minas Gerais e conversar com um menino de 11 anos que ligou para o número 190 não para pedir ajuda à força policial, mas porque estava há três dias sem comer”, desafiou.

No caso de Vera Lúcia, presidencialista do PSTU, a estigmatização do agronegócio é fundamental para dar um golpe de morte na fome. “Tem dois problemas: o desemprego e a carência. Precisamos atacar as duas coisas ao mesmo tempo. Uma é acabar imediatamente com a paridade de preço de importações para abaixar o custo dos combustíveis, do gás de cozinha

e também dos alimentos. Junto com isso, precisamos estatizar todo o agronegócio, desde a terra, a indústria de alimentos e de distribuição. Colocar isso na mão da classe trabalhadora, que trabalha nesses setores”, disse, na campanha que fez também em São Paulo.

O petista Luiz Inácio Lula da Silva não comentou as declarações de Bolsonaro, mas, no horário eleitoral de tevê que foi ao ar ontem, deu espaço ao tema — um dos pilares da sua campanha presidencial.

“É um grande prazer encontrar vocês aqui para conversar sobre o futuro do país. A alegria só não é completa porque, neste momento, milhões não têm o que comer. As famílias sofrem com os preços que não param de subir e com um salário que mal dá para uma cesta básica”, disse Lula.

Na última sexta-feira, Bolsonaro colocou em dúvida se a fome é, realmente, um problema de alta gravidade. Afirmou, ainda, que não há pedintes na frente das padarias. “Fome no Brasil não existe da forma como é falado. O que é extrema pobreza? É ganhar até US\$ 1,9. Isso dá R\$ 10. O Auxílio Brasil são R\$ 20 por dia. Quem porventura está no mapa da fome, pode se cadastrar e vai receber. Não tem fila o Auxílio Brasil”, minimizou.

Dados de recente relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) mostram que quase 30% da população brasileira sofre de insegurança alimentar moderada ou grave. São 61,3 milhões de pessoas que não têm garantia de alimentação — entre elas, 15,4 milhões convivem com insegurança alimentar grave. Os dados da pesquisa foram colhidos no período de 2019 a 2021.

Leia mais sobre a fome na página 6

Cleber Caetano/PR



Presidente desfila a cavalo na área de espetáculos da Festa do Peão, em Barretos. Ele foi recebido como personalidade de honra e ovacionado

## Exaltação ao Brasil na crise global

» INGRID SOARES

No comício que fez, ontem, em Vitória da Conquista (BA), o presidente Jair Bolsonaro (PL) desconvosou sobre a declaração que deu, na última sexta-feira, durante uma entrevista, que a fome não é um problema tão grave como dizem. Ele preferiu dar outro viés ao tema: o de que o país é o principal produtor mundial de alimentos e que, sem as exportações brasileiras, “o mundo passa fome”.

“Ninguém segura esta grande nação. Passamos momentos difíceis, uma pandemia e uma guerra, mas o Brasil emergiu. Hoje, os números da economia são um

dos melhores do mundo, e cada vez mais o mundo olha para nós. O mundo sem o Brasil passa fome”, observou.

Ao lado do candidato a vice Walter Braga Netto, Bolsonaro novamente apelou às questões relacionadas aos costumes para criticar os governos do PT, quando afirmou que o objetivo do partido de Luiz Inácio Lula da Silva — seu principal adversário na corrida eleitoral — é destruir famílias. E sem citar o ex-presidente, afirmou que o petista é o “candidato da TV Globo”.

A fim também de quebrar as resistências que tem da população da região, Bolsonaro chamou o Nordeste de “meu”, e como tem

sido habitual nos eventos eleitorais de que participa, novamente convocou a população para o Sete de Setembro. “Vamos mostrar ao mundo que estamos unidos em um mesmo ideal, mostrar cada vez mais que somos um só povo, uma só raça, um só país”, exortou.

Bolsonaro, mais uma vez, cumpriu o enredo de lançar suspeitas sobre a lisura do sistema eleitoral. “A democracia se faz no voto, com voto transparente, com voto confiável”, afirmou. Em seguida, saiu em motocicleta com João Roma (PL), candidato a governador da Bahia.

Na noite de sexta-feira, Bolsonaro esteve na 65ª Festa do Peão

de Boiadeiro, em Barretos (SP). Ele foi recebido como personalidade de honra na arena principal do evento, deu duas voltas a cavalo e discursou, celebrando os trabalhadores do campo e voltando a afirmar que a titulação de terra de seu governo estaria “anulando a violência que vinha do MST”.

O presidente chegou ao evento acompanhado pelo ex-ministro da Infraestrutura Tarcísio de Freitas, candidato ao governo de São Paulo pelo Republicanos, e pelo empresário Luciano Hang — investigado pela Polícia Federal com mais sete empresários bolsonaristas por trocas de mensagens de cunho golpista.

### NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo  
luizazedo.df@dabr.com.br

## Simone Tebet, uma grata surpresa no JN

Para a maioria dos eleitores que acompanharam as entrevistas dos candidatos à Presidência aos jornalistas William Bonner e Renata Vasconcellos, no *Jornal Nacional (Rede Globo)*, Simone Tebet (MDB) foi uma grata surpresa, quando nada porque era muito menos conhecida do que os seus concorrentes: o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que governou por dois mandatos, o presidente Jair Bolsonaro (PL), que tenta a reeleição, e Ciro Gomes (PDT), que disputa o comando do Palácio do Planalto pela quarta vez.

Simpática, bonita, firme, experiente, segura e com boas propostas, a entrevista serviu para que se descolasse dos caciques do MDB, que podem aumentar sua rejeição sem lhe dar um voto, e tentasse uma conexão direta com os eleitores, até porque não tem outra alternativa. Simone está sendo “cristianizada” abertamente pela ala da legenda engajada na volta de Lula ao poder, principalmente no Nordeste e no Sudeste, e as lideranças do Sul, Centro-Oeste e Norte do país que fazem parte da base de sustentação

de Bolsonaro. Não foi à toa que citou como referências da legenda, além de Ulysses Guimarães e Tancredo Neves, apenas os ex-governadores Pedro Simon (RS) e Jarbas Vasconcellos (PE), que estão vivos.

Simone foi muito cobrada pelos entrevistadores da Globo por seu desempenho como vice-governadora do Mato Grosso do Sul, cargo que exerceu antes de ser eleita senadora. Ao responder os questionamentos sobre os índices locais da educação, aproveitou para dizer que será uma das cinco prioridades de seu eventual governo. Repetiu a estratégia quando foi questionada sobre os índices de violência de Mato Grosso do Sul, que atribuiu ao fato de o estado ser a porta de entrada para o tráfico de drogas e de armas, sem que os recursos que deveriam ser destinados ao combate aos crimes de fronteira chegassem ao destino. Propôs a criação do Ministério da Segurança Pública e a integração das ações dos órgãos federais e estaduais contra o crime organizado em todo o território nacional.

“Nós temos três reformas tributárias importantes no Brasil. Mas a mais importante, hoje, é a do consumo, porque quem mais paga imposto é o pobre, é o que mais consome”, afirmou, usando o tempo da resposta para falar com a população de baixa renda: “Proporcionalmente à renda, quanto eu deixo no supermercado? Quanto o pobre deixa no supermercado? Ele deixa metade, um pouco mais da metade do salário. Então, a reforma tributária mais emergente está pronta para votar no Congresso Nacional. Só não votou porque o presidente (Bolsonaro) não quis, porque nós tentamos votar na Comissão de Constituição e Justiça.” Simone falou em aliviar o imposto de renda da classe média e taxar os lucros e dividendos para tirar dos mais ricos.

### Segurança familiar

A candidata do MDB luta para se manter no jogo a partir da campanha eleitoral no rádio e na televisão. Larga como uma candidata sem chances

de chegar ao segundo turno e em risco de ficar no limbo eleitoral, apesar de tudo isso, por falta de uma campanha eleitoral estruturada de forma robusta. Quando disse que precisa apenas de um microfone e um caixote para fazer campanha, estava se referindo ao fato de poder andar na rua sem provocar reações de petistas e bolsonaristas, um pouco por sua fraqueza eleitoral e muito por ser mulher num universo de disputa machista e polarizado.

Além da educação, segurança e reforma tributária, Simone apontou como prioridades a saúde e a geração de trabalho e renda. Defendeu um programa econômico liberal, cujas propostas mais inovadoras são uma poupança popular para os trabalhadores informais, que serviria como uma espécie de Fundo de Garantia, além de uma poupança para os jovens, que poderia ser sacada quando concluíssem o ensino médio.

Simone está como um foguete que volta do espaço sideral para a atmosfera: se não pegar o ângulo correto na propaganda de rádio e tevê, pode res-

valar e ficar perdida no espaço. Sua única possibilidade para crescer é deslocar Ciro, que tem pouco tempo de televisão — porém, o candidato do PDT é muito mais conhecido e resiliente.

Tem duas semanas para fixar sua imagem e romper a bolha em que se encontra. No último Datafolha, de 18 de agosto, Lula contava com 47% das intenções de voto no primeiro turno; Bolsonaro (PL), com 32%; e Ciro, em terceiro, com 7%. Só uma grande alteração nesse quadro pode abrir espaço para Simone crescer, pois larga com 2%.

Por isso, tenta explorar o protagonismo feminino e o foco nas crianças e nas famílias. Numa situação social como a que o país vive, a desestruturação das famílias de baixa renda é uma realidade muito cruel que Bolsonaro explora pelo ângulo dos costumes, mas que exige uma abordagem em termos de políticas públicas. Simone associa a segurança familiar às políticas de educação, saúde, segurança pública, trabalho e renda, com uma narrativa na qual se apresenta matematicamente. As pesquisas dirão se vai funcionar.